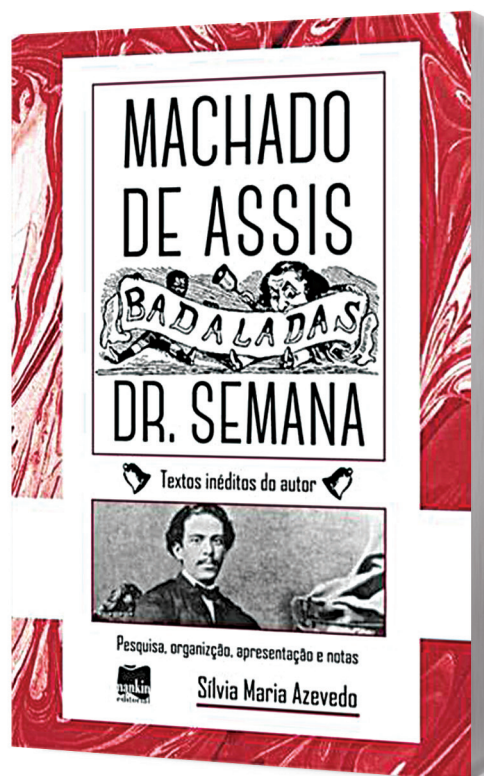


livros



Dobram os sinos; afrouxam os sisos

Jean Pierre Chauvin

Badaladas do Dr. Semana, de Machado de Assis,
tomos I e II, organização, apresentação, notas e índice onomástico
por Sílvia Maria Azevedo, São Paulo, Nankin Editorial, 2019, 1.628 pp.

Quem conhece a extensa obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), costuma se admirar ao proceder a alguma contabilidade em torno do que ele produziu.

Escrever nove romances, duas centenas de contos, quatro livros de poesia, mais crítica, tradução e correspondência, no espaço de cinco décadas, não é feito desprezível, ainda mais se levarmos em conta as demais ocupações profissionais e o ambiente culturalmente rarefeito em que o escritor viveu.

A sua produção jornalística é um caso à parte. A julgar pelas coletâneas de crônicas, editadas nos últimos anos, estamos a falar de algumas centenas delas. Digo melhor, *estávamos*, porque acabam de chegar à praça dois volumes de crônicas, inéditas em livro, assinadas pelo Dr. Semana – um dos pseudônimos adotados por Machado, quando colaborou com o jornal *Semana Ilustrada*,

do Rio de Janeiro, entre junho de 1869 e março de 1876.

Correndo o risco de soar como o agregado José Dias, escudeiro ambíguo de Bentinho, no *Dom Casmurro*, estamos diante de um fenômeno assombroso (tanto pelo volume e pela qualidade dos textos, quanto pelo projeto) que Sílvia Maria Azevedo – docente da Unesp-Assis –, uma das maiores pesquisadoras da obra machadiana, realizou no espaço de dois anos (entre 2010 e 2012). Como terá ela chegado a estabelecer esses textos, atribuindo-os a Machado?

Concedamos a palavra à própria estudiosa: através da “leitura sequencial das crônicas, a partir da qual foram identificados traços recorrentes em relação a temas, referências históricas, culturais e literárias, citações, recursos estilísticos”. Para certificar-se do rumo que o trabalho tomou, a pesquisadora salienta

JEAN PIERRE CHAUVIN é professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

que “[...] o levantamento dessas constantes foi cruzado com a leitura de outros textos machadianos (crítica literária, teatral, crônica, teatro, tradução, contos, romances), publicados em período correspondente àquele das *Badaladas*” (tomo I, p. 10).

Afora as referências históricas e literárias, que permitem aprofundar a autoria machadiana, a autora destaca a necessidade do ficcionista de aumentar seus rendimentos:

“Além da experiência jornalística, outro motivo, esse de ordem particular, pode ter pesado na decisão de Machado de Assis encarregar-se das *Badaladas*, pelas quais, certamente, passaria a ganhar salário suplementar. Noivo de Carolina Augusta de Novais, em 1869, o escritor lutava para obter os recursos necessários para a instalação do futuro lar” (tomo I, p. 16).

Cumprido ressaltar que, àquela altura, Machado de Assis já havia demonstrado combatividade como cronista e crítico de outros periódicos, o que talvez explicasse o caráter polêmico de seus textos. Religião e política estavam no cardápio do cronista, que reconhecia a importância estratégica das controvérsias trazidas a público para provocar ruído, trazer leitores e aumentar o alcance e a venda do jornal. A exemplo do que acontece ainda hoje, matéria-prima não lhe faltava:

“Leitor atento dos jornais da Corte e de outras províncias, sem deixar de lado os estrangeiros, era nas seções que reproduziam os debates no Senado e na Câmara dos Deputados aonde o cronista buscava munção para as suas crônicas. A atuação dos parlamentares, em particular os seus

discursos, era o alvo preferencial das *Badaladas*” (tomo I, p. 19).

Como se desconfiava, desde o final do século XIX, em se tratando de Machado, nem tudo é dito às claras. Esse criador de personagens complexas e enigmáticas, como Helena, Sofia, Capitu, Flora e Fidélia, recorreu com frequência ao discurso oblíquo, com que simulava o contrário do que pretendia, confundindo decerto parte de seus leitores. Isso porque,

“[...] ao lado de temas antigos tratados de forma nova, há também nas *Badaladas* outros inteiramente novos, como a ‘crítica às avessas’, denominação de Raimundo Magalhães Júnior para um gênero de crítica, de fundo humorístico, que consiste em tecer os maiores elogios a obras péssimas do ponto de vista literário. Trata-se, portanto, da ironia aplicada à crítica literária que, de forma séria, Machado de Assis vinha exercendo já há algum tempo, e que lhe valeu inclusive o reconhecimento de José de Alencar” (tomo I, p. 22).

Sílvia Azevedo demonstra que, além de estilizar provérbios, compor trocadilhos e disseminar charadas, o Dr. Semana também recorreu à paródia (outro recurso familiar aos leitores do contista), ao redigir as suas crônicas mordazes. Além de Shakespeare e Molière (provavelmente os nomes evocados maior número de vezes, nos textos publicados entre 1869 e 1876), o “baladeiro” aludia a outros escritores e obras em profusão, quase sempre em linguagem galhofeira, nos moldes como procederia o defunto-autor Brás Cubas – cinco anos após o encerramento da coluna na *Semana Ilustrada*:

“A paródia, estratégia retórica por meio da qual Machado de Assis realiza releitura atualizadora de autores clássicos, impregna igualmente as várias referências e citações das peças de Shakespeare, trazidas para as *Badaladas*. Na de 26 de setembro de 1869, por exemplo, as tragédias Hamlet e Romeu e Julieta são invocadas por conta das disputas políticas entre liberais e conservadores, que na cidade de Lençóis, no interior da Bahia, eram chamados, respectivamente, de pinguelas e mandiocas” (tomo I, p. 28).

Deve-se destacar o fato de Machado ter sido um homem absolutamente ligado à história, à cultura e aos costumes de seu tempo e lugar. Dentre os episódios mais divertidos comentados sob sua ferina pena, estavam os “anúncios amatórios”:

“[...] era [assim] chamada a moda de os namorados se corresponderem pelos jornais, publicando recados, marcando/desmarcando encontros, rompendo/reatando relações. Esses anúncios, quase sempre publicados no *Jornal do Comércio*, e misturados à propaganda dos mais variados produtos, compartilham com estes o caráter de mercadoria” (tomo I, p. 40).

A despeito de ser um escritor popular (e amigo de sujeitos poderosos da Corte, àquela altura), o Dr. Semana não resistia, por muito tempo, a escrever sem dar “pitacos” – inclusive sobre decisões implementadas na esfera pública, com o aval do imperador Pedro II. A título de ilustração, vale a pena mencionar um dos episódios mais ousados, protagonizados pelo cronista. De acordo com Sílvia Azevedo:

“[...] [algumas] figuras humanas – o padre Kelé, o vate do Bacanga, o Bacharel – podem ser tomadas como embriões da galeria dos loucos célebres de Machado de Assis – Quincas Borba, Rubião, Simão Bacamarte –, a denúncia de que no hospício de D. Pedro II não havia lugar para doidos, que vai aparecer nas *Badaladas* de 12 de junho de 1870, pode igualmente estar na origem da novela *O alienista*” (tomo I, p. 47).

No que se refere à elocução dos textos assinados pelo Dr. Semana, haveria que se apontar outro elemento fundamental, destacado pela pesquisadora: o fato de Machado, na pele de impiedoso analista, recorrer a expedientes da poesia ao redigir as crônicas. Afora a habilidade em versejar e hibridizar modos e gêneros, o efeito cômico transparecia não apenas devido à escolha do tema e trato dado ao assunto (em geral, rebaixado estilisticamente), mas na discrepância entre o teor da matéria e o modo como ela vinha expressa. Esse expediente chama a atenção, mesmo porque foi empregado pelo romancista antes e depois de sua atuação na *Semana Ilustrada*:

“[...] as crônicas em verso, com intenções humorísticas, vão antecipar a série ‘Gazeta de Holanda’, que Machado de Assis, com o pseudônimo Malvolio, irá publicar na Gazeta de Notícias, entre 1886-1888. Por sua vez, o uso de versos estruturados em estrofes, trazido para a coluna da *Semana Ilustrada*, no comentário de fatos cotidianos, recupera experiências anteriores de Machado de Assis cronista, que já versejara nesse tom, rimando esporadicamente comentários em versos em outras publicações” (tomo I, p. 49).

A fim de estimular o leitor, porventura ainda indeciso em percorrer essas *Badaladas*, eis algumas amostras do poder de fogo machadiano, que em muito lembram a linguagem ora enfática, ora pachorrenta, de seus caprichosos narradores. Começemos pelo modo como o cronista zomba do comportamento dos políticos na Câmara: “Cada representante da nação é obrigado a agitar alguma coisa. Uns agitam as questões na tribuna, outros as pernas nos corredores. Os presidentes das Câmaras, não podendo agitar questões nem pernas, agitam a campanha” (tomo I, p. 59).

Para permanecer no campo da controvérsia, avaliemos a polêmica que envolvia o Dr. Semana e *O Apóstolo*, folhinha católica daqueles tempos: “É ponto de fé, lavrado nos cânones da Igreja, que a Virgem mãe de Deus é *intercessora* dos homens junto de seu filho. O *Apóstolo* é autor de uma heresia nova. Faz da virgem uma deusa, *governando*, não *intercedendo*” (tomo I, p. 184).

Se o leitor preferir amenidades, podemos mudar de ares. Que tal acompanharmos a aquisição (e leitura) de um livro do século XVIII por um cronista em nada compadecido frente à curiosidade alheia? “Não esperem de mim os leitores que lhes narre todo este auto, que é a vida da Santa posta em ação, com alguns elementos teatrais engenhados pelo poeta. Relatarei apenas algumas passagens, sem emendar os versos do autor, que uns são curtos, outros compridos, nem mofar dos sentimentos de piedade cristã, que eu também possuo” (tomo I, p. 333).

Outro exemplo? Sublinhemos o gosto de Machado pela frase proverbial, com que estilizava os sábios de seu (e de outros) tempo(s): “– A sociedade é composta de duas classes: *ceux qui ont plus de diners que*

*d'appétit, et ceux qui ont plus d'appétit que de diners*¹. Isto explica maravilhosamente o socialismo: é a igualdade dos jantares” (tomo I, p. 531). Façamos companhia, ainda que compulsoriamente, ao ácido cronista, levando em consideração seu pio argumento: “O leitor, por mais cansado que esteja, há de ir comigo por essas assembleias provinciais fora, a aprender o que é cordura e moderação de linguagem” (tomo I, p. 704).

Alternativamente, concedamos redobrada atenção ao animado ambiente das Câmaras, sem perder detalhes dos discursos, apartes, destaques e encaminhamento de propostas: “Senhores, a vida não é um relatório; a vida é um folhetim. (Bravo!) Há de tudo nela, desde o desembargador da relação até o trovista de salas: autos maçudos e versos de confeitaria” (tomo II, p. 20).

Ou relembremos a dicção do narrador de *O alienista*, em sua sanha classificatória: “Minha ideia é organizar uma empresa de seguros das faculdades mentais e das qualidades morais do homem. O leitor, se não é absolutamente idiota, vê já as vantagens deste grande plano, que pode ser aperfeiçoado na prática e no futuro” (tomo II, p. 319). Se lhe parecer gesto de melhor alvitre, reflita sobre o ramerrão nosso de cada dia:

“O assunto do dia é a carne; o herói, o carnicheiro... Ninguém diz mais ao encontrar um amigo:

– Que calor!

Mas:

– Que ladroeira!

Ou então, em vez da clássica fórmula:

1 “Aqueles que possuem mais jantares que apetite, e aqueles que têm mais apetite que jantares”.

– Como tem passado V. Exa.?

Diz-se:

– A como comprou hoje o quilo de carne?” (tomo II, p. 470).

Também seria possível discutir migalhas, atribuindo-lhes importância indevida e insuspeita: “Querem que lhes confesse uma coisa? Ainda me não habituei a escrever 1876. Quase sempre escrevo um cinco; um cinco não, um 5. Não é a mesma coisa. A razão disto é a mais filosófica do mundo; e eu posso tirar do fato uma observação imensa: razão e observação de que tratarei quando estiver menos ocupado” (tomo II, p. 659).

Dito esse pouco, há muito a comemorar. Afora celebrarmos o feito extraordinário de Sílvia Maria Azevedo, em uma obra

que coroa a sua carreira como docente e pesquisadora, seria um truísmo sugerir a amplitude imediata que esta publicação representará para os leitores diletantes, aficionados e, especialmente, os estudiosos concentrados em torno da obra de Machado de Assis.

Se a quantidade (cerca de 700) e a qualidade das crônicas, reunidas nestes volumosos exemplares, conferem às *Badaladas do Dr. Semana* o estatuto de obra capital de nossa literatura, seria tarefa ociosa imaginar os estudos multi, trans e interdisciplinares dela decorrentes. Salvo engano, estamos diante de um autêntico marco das letras e da crítica nacional, levado a termo graças ao trabalho sério, persistente e disciplinado de uma das maiores interlocutoras machadianas de nosso convívio.